



## Adolescência na contemporaneidade

Adolescence in contemporary

**Por Luciano de Carvalho Lírio**

Bacharel em Teologia (SETECERJ)

Licenciado em História (UERJ)

Especialista em História Moderna (UFF)

Mestrando em Teologia (EST)

Bolsista CAPES

lucianomission@yahoo.com.br

### Resumo

Somos contemporâneos do século que desenvolveu gradativamente através das suas décadas uma visão de adolescência tanto sob um aspecto negativo e patológico de delinquência, incapacidade legal e desajuste social quanto explorada e valorizada como mercado de consumo, cultura pop e parâmetro de beleza e moda.

### Palavras-chave

Adolescência. Contemporaneidade. Democracia. Escola.

### Abstract

We are contemporaries of the century that gradually developed through its decades a vision of adolescents both in a negative aspect of pathological and delinquency, legal incapacity and social misfit as exploited and valued as the consumer market, pop culture and fashion and beauty parameter.

### Keywords

Adolescence. Contemporary. Democracy. School.

### Adolescências que nos escapam

Pela primeira vez na história da humanidade ser jovem é mais importante do que ser rico, pois a partir do momento que vimos a decadência física como um fim, começamos a disfarçar a velhice.

O século XXI herda essa valorização da beleza juvenil ao ponto de reproduzi-la artificialmente por meio de intervenções cirúrgicas e tratamentos estéticos, não que o cuidado com a beleza seja um apanágio das civilizações modernas, pois desde a antiguidade existem vestígios de artifícios utilizados pelo homem para alimentar a sua vaidade.

A pós-modernidade marca o fim da infância e da adolescência ingênua, aquela adolescência protegida e controlada pelos pais e autoridades e o início da infância da multimídia e das novas tecnologias com desempenho máximo.

Se no início do século as crianças e jovens acompanhavam atônico um aparelho que emitia sons através das ondas do rádio e as gerações seguintes foram se condicionando no papel de espectadores da televisão e do cinema, atualmente os adolescentes sentem a necessidade de estarem interagindo com o celular, o computador e os games, artigos que têm nesse segmento etário as suas funcionalidades básicas passadas à categoria de secundárias. Não basta assistir é necessário demonstrar a sua performance.

Há os videogames [...] que evoluem de pontos de vista objetificados até os cada vez mais participativos. Passam de histórias contadas ou observadas a histórias vividas. O mundo é gerado pelos comandos à medida que andamos por ele. Em alguns jogos, pode-se ver o cenário sendo rederizado (ter um

acabamento com cor sombra e textura) à medida que se aproxima.<sup>1</sup>

Essa familiaridade com o mundo da alta tecnologia representa o fim do domínio total dos pais, que vivem um momento de crise. São adolescentes superativos virtualmente e hiperestimulados com gigabits de informações que eles não conseguem digerir e transformar em conhecimento na mesma velocidade que as recebem. Crianças e adolescentes chegam às lojas decididas do que querem levar e não aceitam a opinião dos pais.

Os pais vivem momentos de frustração, solidão e angústia por não dominarem mais a mente e o universo dos seus filhos. Há uma multiplicidade de opções: falar e interagir com quem quiser, em qualquer local do mundo, a qualquer hora, para satisfazer qualquer desejo. Os pais se sentem fragilizados, pois não sabe o quanto aquele membro da família sabe. Os pais deixam de ser os detentores últimos da fonte do conhecimento e o saber familiar: a memória.

A consciência na família é ditada pela mídia e estrutura familiar centralizada na figura dos pais é deslocada para os filhos ou o filho, uma vez que prover tecnologia para um número reduzido de filhos é economicamente mais viável que uma prole mais numerosa. O adolescente monta o seu quarto escritório dispondo de recursos que os seus pais e avós só acompanhavam em filmes de ficção científica.

Essa consciência está corrompida pelo consumismo que produz adolescentes consumidores. Grandes empresas buscam especialistas em elaborar comerciais e embalagens que despertem nas crianças, nos adolescentes e jovens o desejo de consumir. Consumir como uma forma de poder; um modo ou estilo de autossubjetivação de governo de si. É um fim em si mesmo. Passa a consumir não apenas o objeto. Também o que ele pode representar: *status*, conforto, desejos, saber, poder.

Os brinquedos industrializados tornaram-se uma mercadoria tão forte quanto tantas outras na economia de mercado. Temos em nossas crianças um consumidor em formação, e a mídia tem se aproveitado disso com um forte apelo à afetividade, à aventura e ao poder.<sup>2</sup>

A adolescência está sendo encolhida porque a juventude e a infância vendem, consomem, abrem mercados. Juventude é um produto. Ser adolescente é um parâmetro atual, é uma virtude. Esses adolescentes vêm sendo cooptados tanto pela política e pelo mercado quanto por grupos fundamentalistas e pela mídia. Quem decide as coisas em casa são os adolescentes. Eles é que ditam os acessórios, a programação, as atividades e os períodos de lazer da família.

Os adultos desenvolveram certo sentimento de medo, porque essa adolescência nos escapa e não sabemos governá-la. Esses adolescentes são vistos como anormais por muitos pais e professores. Ele se tranca no quarto e passa horas diante da tela do computador não porque deseja fugir do mundo que o cerca, mas para fazer parte do mundo a partir da janela/tela do computador. É diante do computador que ele se inventa e reinventa no ciberespaço, de maneira infinita.

Ele considera obsoleto e desnecessário tudo aquilo que foi criado ou lançado antes da era da informática, logo os brinquedos fabricados pelas gerações passadas são 'feios' e desinteressantes. O importante é acompanhar, interagir com o novo.

Em um intervalo de vinte anos em média, um adolescente pôde adquirir para uso doméstico o que um profissional liberal só tinha acesso no local de trabalho e de maneira limitada há menos de duas décadas.

A internet e a informatização quebraram o conceito da modernidade em que o conhecimento era assimilado por etapas e adquirido gradativamente. Com o advento do Google voltamos à fase em que o conhecimento se dá como defendiam os místicos; instantaneamente, por revelação só que agora on-line.

<sup>1</sup> DORNELLES, Leni Vieira. *Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 107.

<sup>2</sup> DORNELLES, 2005, p. 107.

É necessário pensar essa adolescência pós-moderna: no que ela nos incita; perturba-nos; marca-nos; atormenta-nos; nos cativa! É uma adolescência diferente da que tivemos. Esse adolescente tem um quarto/*lanhouse* globalizado, espaço informatizado, cheio de argúcias! É o escritório/dormitório atual do adolescente na contemporaneidade. É uma infância “condenada a uma obsolescência acelerada”.<sup>3</sup>

Mas existe outra adolescência periférica que sobrevive sem o adulto não porque está madura, mas porque foram privados do afeto familiar. É a adolescência ninja, segundo Dornelles que recebe este nome porque está ali, mas ninguém quer ver. É uma adolescência abortada, cheia de recalques que extravasam na liberação da libido, esses também são afetados pelo consumismo na tentativa de se igualar aos demais adolescentes. Ou seja, pelo consumo ficam iguais.

### Realidades contemporâneas da adolescência na escola

Existe um aumento nos estudos e pesquisas que se propõem a analisar a relação dos jovens e suas escolas. Nesse aparato a categoria que mais desperta curiosidade é a do aluno.

Na realidade brasileira a vulnerabilidade pessoal e social é múltipla. Embora os resultados quantitativos demonstrem uma melhoria relativa nos índices de escolaridade no país e se reconheça os avanços que o Brasil tem conquistado em números percentuais, as disparidades entre idade e série, falta de oportunidades de vagas nas melhores instituições e cursos, ausência das camadas populares em cursos mais disputados ainda cria um hiato no processo de inserção social na formação de muitos jovens brasileiros.

Luiz Gonzaga Belluzo contrariando a teoria do capital humano defende o inverso brasileiro: “Os pobres não são pobres porque não têm educação de qualidade, mas exatamente por serem pobres não têm educação de qualidade”.<sup>4</sup>

As práticas escolares inclusivas adotadas no Brasil ainda carregam contradições, pois a expansão quantitativa sob a ótica neoliberal reproduz um discurso demagógico e assistencialista que sob um manto que se diz democrático e inclusivo engloba as identidades e diferenças presentes na sociedade sem compreendê-las apenas aceitando-as. Em poucas palavras; reconhecer a diversidade é pouco. Nesse aspecto a pedagogia pode fazer algo de novo reconhecendo a identidade e a diferença como produtos, conceitos construídos.

Atualmente no país o multiculturalismo caiu no consenso da tolerância e o respeito com a diversidade cultural, um perigo na opinião de Stuart Hall:

A tolerância e o respeito impedem que vejamos a identidade e a diferença como processos que envolvem relações de poder. Identidade e diferença não são entidades preexistentes; não estão aí desde sempre e não são elementos passivos da cultura.<sup>5</sup>

Com as mudanças ocorridas na década de 90 no século XX, manifestações culturais regaladas à periferia do terceiro mundo entraram no mercado consumidor, redefinindo o cenário educacional com práticas mais pautadas na subjetividade dos indivíduos do que na hierarquia das instituições.

Os adolescentes da virada do século construíram e se apropriaram de territórios, espaços e lugares, redefinindo-os em detrimento daqueles locais sacramentalizados pelas gerações passadas como centros de engajamento e compartilhamento ideológico.

Os adolescentes e jovens de hoje estão mais interessados em se envolver com: ações voluntárias de solidariedade; movimentos políticos instantâneos; grupos artísticos e esportivos; segmentos religiosos locais; ações coletivas novas; redes sociais virtuais; Ongs. Eles estão menos interessados em se sindicalizar; se engajar ideologicamente com partidos políticos; se filiar as agremiações estudantis, instituições pouco flexíveis e a hierarquias religiosas rígidas.

<sup>3</sup> BAUDRILLARD *apud* DORNELLES, 2005, p. 95.

<sup>4</sup> PEREGRINO, Mônica; CARRANO, Paulo. *Jovens e escola: compartilhando territórios e sentidos de presença*. São Paulo: Ação Educativa, 2003. p. 13.

<sup>5</sup> HALL, Stuart. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 56.

Precisamos pensar em práticas de aprendizagem que acontecem na construção das próprias identidades pelos grupos, pois se não o professor continuará apresentando um mundo ao aluno que ele não conhece e por isso não consegue criar vínculos e o mestre por sua vez vai perdendo gradativamente a sua afetividade com o trabalho de ensinar e torna tanto para o aluno quanto para si próprio um lugar desinteressante.

Para José Machado Pais o espaço escolar pode ser visto como desinteressante pelos jovens por não saber conciliar os espaços lisos (moratória da adolescência) e os espaços estriados (ordem e controle).<sup>6</sup>

Esse espaço escolar não deve ser organizado de maneira tradicional com o objetivo de passar conteúdo, nem pode ser analisado de maneira tecnicista, empobrecido e engessado por apostilas, que por si só já representam um emagrecimento dos livros didáticos com o único objetivo de lograr aprovação no vestibular e nos concursos.

A postura do educador deve ser progressiva, atualizando a sua postura, mantendo-se sempre apto para criticar, distinguir e até rechaçar aquilo que possa ser fruto de conceitos pré-estabelecidos, opiniões coletivas ou pacotes de idéias.

Temos uma reflexão: transformamos a escola, ameaçando com isso as relações sociais? Ou silenciámos a juventude, negando os jovens como sujeitos possuidores de culturas próprias?<sup>7</sup>

### Democratização das relações pedagógicas

Para analisar a democratização das relações pedagógicas, é importante discutir o embaralhamento da fronteira entre o espaço público e o espaço privado e o fio condutor para essa conversa é a relação entre a escola e a cidadania.

Há um paradoxo nessa questão, pois enquanto estamos vivendo uma era de grave e perigoso declínio do espaço público é quando mais se fala de cidadania. No Terceiro Mundo quando ocorre à

institucionalização de um movimento acontece à perda da crença e da força inicial.

A institucionalização discursiva só se tornou possível porque a educação e a cidadania têm entre si uma relação insegura e imprecisa. Vemos a necessidade de estabelecer uma relação conservadora, sem conservadorismos entre escola e cidadania, pois as fronteiras entre o público e privado e entre o adulto e a criança encontram-se desgastadas.

A cidadania no Brasil é essencialmente social e ainda derivada e circunscrita ao âmbito da pura necessidade. No nosso país a cidadania continua sendo vista como meio de resolução de questões sociais ligadas às necessidades e como sinal de luta contra um Estado e uma sociedade desiguais e excludentes. Lançar um olhar truísta sob a cidadania é aquela prática dirigida contra certo estado de coisas que permitirá a seus participantes se tornarem... Cidadãos!

Observamos o desenvolvimento de uma cidadania negativa é uma reação de defesa contra um Estado situado na antípoda do social e entendido com exterior à própria sociedade de onde, no entanto, ele surge.

Na atualidade os problemas relativos à cidadania deixaram de ser exclusivos dos países emergentes e pobres. Por exemplo, na França encontramos o conceito/condição *cidadão-aluno* e nesse país foi desenvolvida a *escola dos deserdados* na tentativa de atribuir à escola uma tarefa primordial na recuperação da visibilidade civil de seus membros, reatando os laços do tecido social.<sup>8</sup>

A educação no Brasil passou por vários momentos. A partir da década de 1950 o modelo de educação, em especial nas áreas humanas passou a ser discutível. Esse questionamento se deu, sobretudo, motivado pelas transformações econômicas, políticas e sociais promovidas pela expansão do capitalismo, da Guerra Fria e das crises mundiais provocadas pelas duas grandes guerras. Era um momento de novas relações sociais e de maior complexidade dos acontecimentos.

<sup>6</sup> PEREGRINO; CARRANO, 2003, p. 15.

<sup>7</sup> PEREGRINO; CARRANO, 2003, p. 20.

<sup>8</sup> BRAYNER, Flávio. Da criança-cidadã ao fim da infância. *Educação & Sociedade*, São Paulo, ano XXII, n. 76, p. 197-211, out. 2001, p. 119.

Aqui no Brasil, a geografia e a história ufanista e descritiva não conseguiam explicar o espaço carregado pelas contradições sociais. Durante a década de 1950 no Brasil o ensino deixa de ser privilégio exclusivo das elites. A popularização da escola trouxe novas perspectivas e horizontes para o ensino.

Porém, isso não trouxe a igualdade entre as camadas sociais. Os mais pobres continuaram tendo acesso limitado à escola, devido à falta de estrutura do Brasil de então. Desse modo, ainda que bem intencionada, a Escola não conseguiu amenizar as distâncias sociais e continuou a reproduzir as desigualdades.

Nesse período surge a Escola Nova em que o professor assume o papel de orientador em vez de ser apenas um transmissor de conhecimento, ensinando assim os alunos a *aprender a aprender*, promovendo acirrados debates sobre a metodologia de ensino. A revolução foi que o aluno passou a ser considerado o *sujeito da aprendizagem*.

Mas como o ensino ainda era considerado algo dispendioso para os governantes, novamente as camadas menos favorecidas ficavam limitadas à tentativa de compreensão do espaço por meio da memorização e da descrição.

Nos anos 1960 e 1970, acompanhamos a expansão do sistema educacional aos menos favorecidos. Nos anos 1980 e 1990, vemos o debate sobre a qualidade de ensino. Na atualidade, o alerta direciona-se para uma dívida pública que é a inadimplência de nossa república em oferecer as bases e os instrumentos que permitiriam a todo o cidadão de realizar os seus projetos no âmbito social (se tornar visível). Incluir não é o mesmo que integrar.

Quando falamos de *aluno-cidadão*, alvejamos um grupo específico e corremos o risco de ignorar outros segmentos da sociedade. Precisamos também educar as autoridades para agir e se relacionar com o outro no universo público.

Existem perigos para a democracia e para a cidadania quando estas são vistas de maneira meramente utilitarista: Podemos transformar os cidadãos em simples consumidores, vivenciarmos a

política se tornar um mero espetáculo e acompanhar a decadência do espaço público.

O adolescente pós-moderno experimenta assim como toda a sociedade uma espécie de voyeurismo social onde ele acompanha através dos *reality shows*: superexposição mediática da intimidade; hábito de consumo de egos postigos; desvestimento público; desinteresse civil e o hiperindividualismo.

Diante desse apagamento de fronteiras que antes se referiam apenas a separação do adulto da criança no adolescente, na atualidade também inclui as fronteiras sociais, familiares, geopolíticas e econômicas, promovendo em muitos adolescentes o fortalecimento de reações contrárias à globalização como; localismos identitários, radicalismo de pertencimento étnico e fundamentalismos.

Joshua Meyrowitz fala do fim da infância, porque nos últimos quarenta anos passamos de uma cultura livresca para uma cultura televisiva. A infância enquanto período de vida protegida e ao abrigo das preocupações praticamente desapareceu. Concordo com Meyrowitz quando ele afirma que os atuais meios de informação alteram as condições de socialização.<sup>9</sup>

A adolescência pós-moderna vive a fusão da idade adulta com a infância, inversões de situações e papéis que diferenciavam o mundo adulto do universo infantil: código vestimentário; jogos eletrônicos; linguagem e no Direito.

O cenário atual é uma mistura de liberação com aberração. A escola não é uma praça pública. Não é um espaço democrático, pois não permite um princípio de: rodízio, representatividade e poder como lugar vazio. Devemos abandonar os mitos criados em torno da educação e da cidadania, pois todos os discursos do Estado são mitos. O indivíduo pode obter um diploma de doutor e continuar um cretino por dentro.

<sup>9</sup> BRAYNER, 2001, p. 203.

### Considerações finais

O adolescente é convidado a vivenciar a realidade artificial que mais lhe convém, seja tradicional, liberal ou híbrida, pois nesses tempos de modernidade tardia, tudo é fundado para o bem-estar moderno, até quando se percebe a ausência dele. O indivíduo vende e troca a sua consciência pelo meio em que está. As relações não apenas se interferem, mas se constituem.

A verdadeira escola emancipatória é aquela que não dissolve a autoridade do professor e o transforma num simples interlocutor ou alguém a serviço dos interesses (difusos, manipuláveis e instáveis) dos alunos. Não devemos falar de escola democrática apenas sob a perspectiva de um local onde as pessoas têm a oportunidade de se expressar, porque a democracia é o regime onde o poder é um lugar virtualmente vazio, que não é ocupado por ninguém exclusivamente. “Ela não é o povo no lugar do príncipe, mas o fim de todos os príncipes”.<sup>10</sup>

[Recebido em: janeiro 2012 e  
aceito em: agosto 2012]

---

<sup>10</sup> BRAYNER, 2001, p. 210.